



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 8 de Maio de 2002

Senhor, tende piedade de mim!

Queridos irmãos e irmãs,

1. Cada semana da *Liturgia das Laudes* é marcada na sexta-feira pelo Salmo 50, o *Miserere*, o Salmo penitencial mais amado, cantado e meditado, hino ao Deus misericordioso elevado pelo pecador arrependido. Já tivemos ocasião, numa catequese precedente, de apresentar o quadro geral desta grande oração. Em primeiro lugar, entra-se na região tenebrosa do pecado para aí levar a luz do arrependimento humano e do perdão divino (cf. vv. 3-11). Depois, exalta-se o dom da graça divina, que transforma e renova o espírito e o coração do pecador arrependido: esta é uma região luminosa, cheia de esperança e de confiança (cf. vv. 12-21).

Detemo-nos, nesta nossa reflexão, nalgumas considerações, na primeira parte do Salmo 50, aprofundando alguns dos seus aspectos. Mas, no começo, desejaríamos mencionar a maravilhosa proclamação divina do Sinai, que é quase o retrato do Deus cantado pelo *Miserere*: "Javé! Javé! Deus misericordioso e clemente, vagaroso em encolerizar-Se, cheio de bondade e fidelidade, que mantém a Sua graça até à milésima geração, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado" (*Êx 34, 6-7*).

2. A invocação inicial eleva-se a Deus para obter o dom da purificação que faça como dizia o profeta Isaías "brancos como a neve" e "como a lã" os pecados, em si semelhantes ao "escarlata" e "vermelhos como a púrpura" (cf. *Is 1, 18*). O Salmista confessa o seu pecado de forma clara e sem hesitações: "Reconheço, de verdade, a minha culpa... Contra Vós apenas é que eu pequei, pratiquei o mal perante os vossos olhos" (*Sl 50, 5-6*).

Por conseguinte entra em cena a consciência pessoal do pecador que se abre para compreender claramente o seu mal. É uma experiência que envolve liberdade e responsabilidade, e leva a admitir que se quebrou o vínculo para construir uma escolha de vida alternativa em relação à Palavra divina. Disto deriva uma decisão radical de mudança. Tudo isto está encerrado naquele "reconhecer", um verbo que em hebraico não significa apenas uma adesão intelectual mas uma opção vital.

Éo que, infelizmente, muitos não fazem, como nos adverte Orígenes: "Há quem, depois de ter pecado, se sinta completamente tranquilo e não se preocupe com o seu pecado nem tocado pela consciência do mal cometido, mas viva como se nada tivesse acontecido. Sem dúvida, esse não poderia dizer: *tenho sempre consciência do meu pecado*. Ao contrário, quando, depois do pecado, o pecador se inquieta e se aflige devido ao seu pecado, quando se sente atormentado pelos remorsos, dilacerado sem tréguas e sofre sobressaltos no seu íntimo que se eleva para o contestar, ele, com razão, exclama: *não há paz para os meus ossos face ao aspecto dos meus pecados...* Portanto, quando os pecados cometidos se apresentam aos olhos do nosso coração, os revemos um por um, os reconhecemos, nos envergonhamos e arrependemos do que fizemos, então perturbados e aterrorizados, justamente dizemos que *não há paz para os nossos ossos face ao aspecto dos nossos pecados...*" (*Homilias sobre os Salmos*, Florença 1991, págs. 277-279).

O reconhecimento e a consciência do pecado é, portanto, fruto de uma sensibilidade adquirida graças à luz da Palavra de Deus.

3. Na confissão do *Miserere* há um realce de particular evidência: o pecado não é compreendido apenas na sua dimensão pessoal e "psicológica", mas é analisado sobretudo na sua qualidade teológica. "Contra Vós apenas é que eu pequei" (*Sl* 50, 6), exclama o pecador, ao qual a tradição deu o rosto de David, consciente do seu adultério com Betsabé, e da denúncia do profeta Natan contra este crime e contra o crime da morte do seu marido, Urias (cf v. 2; *2 Sam* 11, 12).

Por conseguinte, o pecado não é apenas uma questão psicológica ou social, mas é um acontecimento que prejudica a relação com Deus, violando a sua lei, recusando o seu projecto na história, alterando a escala dos valores, "mudando as trevas em luz e a luz em trevas", isto é, "chamando bem ao mal e mal ao bem" (cf. *Is* 5, 20). Antes de ser uma possível afronta contra o homem, o pecado é antes de mais traição a Deus. São emblemáticas as palavras que o filho desprovido de bens pronuncia diante de seu pai, pródigo de amor: "Pai, pequei contra o Céu isto é, contra Deus e contra ti!" (*Lc* 15, 21).

4. A este ponto o Salmista introduz outro aspecto, mais directamente relacionado com a realidade humana. Foi a frase que suscitou muitas interpretações e que também foi relacionada com a doutrina do pecado original: "Eis que eu nasci na culpa, e a minha mãe concebeu-me pecador" (*Sl* 50, 7). O orante deseja indicar a presença do mal dentro do nosso ser, como é evidente na

menção da concepção e do nascimento, uma forma de exprimir toda a existência partindo da sua origem. Mas o Salmista não relaciona formalmente esta situação com o pecado de Adão e Eva, isto é, não fala explicitamente de pecado original.

Contudo, é evidente que, segundo o texto do Salmo, o mal se esconde nas próprias profundezas do homem, é inerente à sua realidade histórica e, por isso, é decisivo o pedido da intervenção da graça divina. O poder do amor de Deus supera o poder do pecado, o rio transbordante do mal pode menos do que a água fecundante do perdão: "Onde abunda o pecado, superabunda a graça" (*Rm 5, 20*).

5. Por este caminho, a teologia do pecado original e toda a visão bíblica do homem pecador são indirectamente recordados com palavras que deixam, ao mesmo tempo, entrever a luz da graça e da salvação.

Como teremos ocasião de descobrir no futuro, voltando a falar deste Salmo e dos versículos seguintes, a confissão da culpa e a consciência da própria miséria não levam ao terror ou ao pesadelo do juízo, mas à esperança da purificação, da libertação, da nova criação.

De facto, Deus salva-nos "não por causa das obras da justiça que tivéssemos feito, mas por misericórdia, mediante o baptismo de regeneração e renovação do Espírito Santo, que derramou sobre nós abundantemente por Jesus Cristo, nosso Salvador" (*Tit 3, 5-6*).

Saudações

Queridos Irmãos e Irmãs

Amados peregrinos do *Brasil* e dos restantes países de língua portuguesa, aproxima-se a festa da Ascensão do Senhor ao Céu, cuja ocorrência me sugere os votos que vos faço de uma vida orientada para as coisas do Alto, onde Cristo se encontra sentado à direita de Deus. A minha Bênção desça sobre todos vós, as vossas famílias e as comunidades cristãs.

Faço extensiva a minha saudação aos jovens de Toronto, reunidos na Universidade para recitar o Rosário no contexto de uma ligação televisiva com os jovens da Universidade *La Sapienza* em Roma. Prezados Amigos, espero ver muitos jovens do Canadá na Jornada Mundial da Juventude. Reunindo-vos em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, haveis de vos empenhar por ser o sal da terra e a luz do mundo.

Sobre todos os peregrinos e visitantes de expressão inglesa, presentes na Audiência de hoje, especialmente da Inglaterra, Noruega, Suécia, Índia, Coreia do Sul, Canadá e Estados Unidos da

América, invoco a alegria e a paz do Senhor ressuscitado!

Saúdo com afecto os fiéis húngaros aqui presentes. Maio é o mês de Maria. Nas vossas preces, pedi a intercessão da nossa Mãe celestial. Concedo-vos de coração a minha Bênção apostólica.

Louvado seja Jesus Cristo!

Dou as boas-vindas aos peregrinos checos de Blansk.

Segunda-feira celebrámos a festividade de São João Sarkander. Este Sacerdote soube viver do Mistério pascal: para ele, o Salvador foi a força, mesmo na hora do martírio. Possais também vós haurir sempre o vigor da Cruz de Cristo e da sua Ressurreição.

Abençoo-vos todos do íntimo do meu coração!

Louvado seja Jesus Cristo!

Agora, dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua italiana, em particular aos fiéis da Paróquia do Espírito Santo, em Avezzano, acompanhados pelo seu Bispo, D. Lúcio Renna, e aqui congregados por ocasião da inauguração da sua igreja. Caríssimos, o novo edifício de culto suscite em cada um de vós o desejo de ser uma pedra viva do templo espiritual, que é a Igreja, Povo de Deus.

Dirijo-me, enfim, aos *jovens*, aos *doentes* e aos *novos casais*.

Neste dia, dedicado a Nossa Senhora de Pompeia, convido-vos a todos, queridos jovens, a esforçar-vos na sua imitação, confiando sempre na sua intercessão maternal. Ela vos ajude a transmitir um raio de serenidade onde houver tristeza e solidão. Faço votos por que vós, dilectos doentes, vivais a vossa condição com a ajuda de Maria, confiadamente abandonados à vontade do Senhor. Maria vos sustente a vós, estimados novos casais, para que possais encontrar alegria e entusiasmo na vossa fidelidade recíproca, e ser sempre testemunhas do amor.

Hoje tem início em Nova Iorque a Sessão Especial da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas sobre as Crianças. Este importante encontro chama a atenção para o flagelo que continua a afligir a infância, tesouro precioso, mas também vulnerável, da família humana. Penso nas guerras, na pobreza, na exploração e nos abusos de todos os tipos, de que elas continuam a ser vítimas.

Durante estes dias, em que os Representantes dos países do mundo inteiro estão reunidos para reflectir sobre as condições em que vivem as crianças, convido-vos a todos a rezar pelo bom êxito dos trabalhos. Além disso, formulo votos a fim de que este encontro suscite um renovado

compromisso da Comunidade internacional em favor das crianças, a fim de que toda a acção social que lhes diz respeito se inspire numa autêntica promoção da dignidade humana e no pleno respeito dos seus direitos fundamentais.